

Amador Santelmo

CHICO DIABO
na Guerra do Paraguay





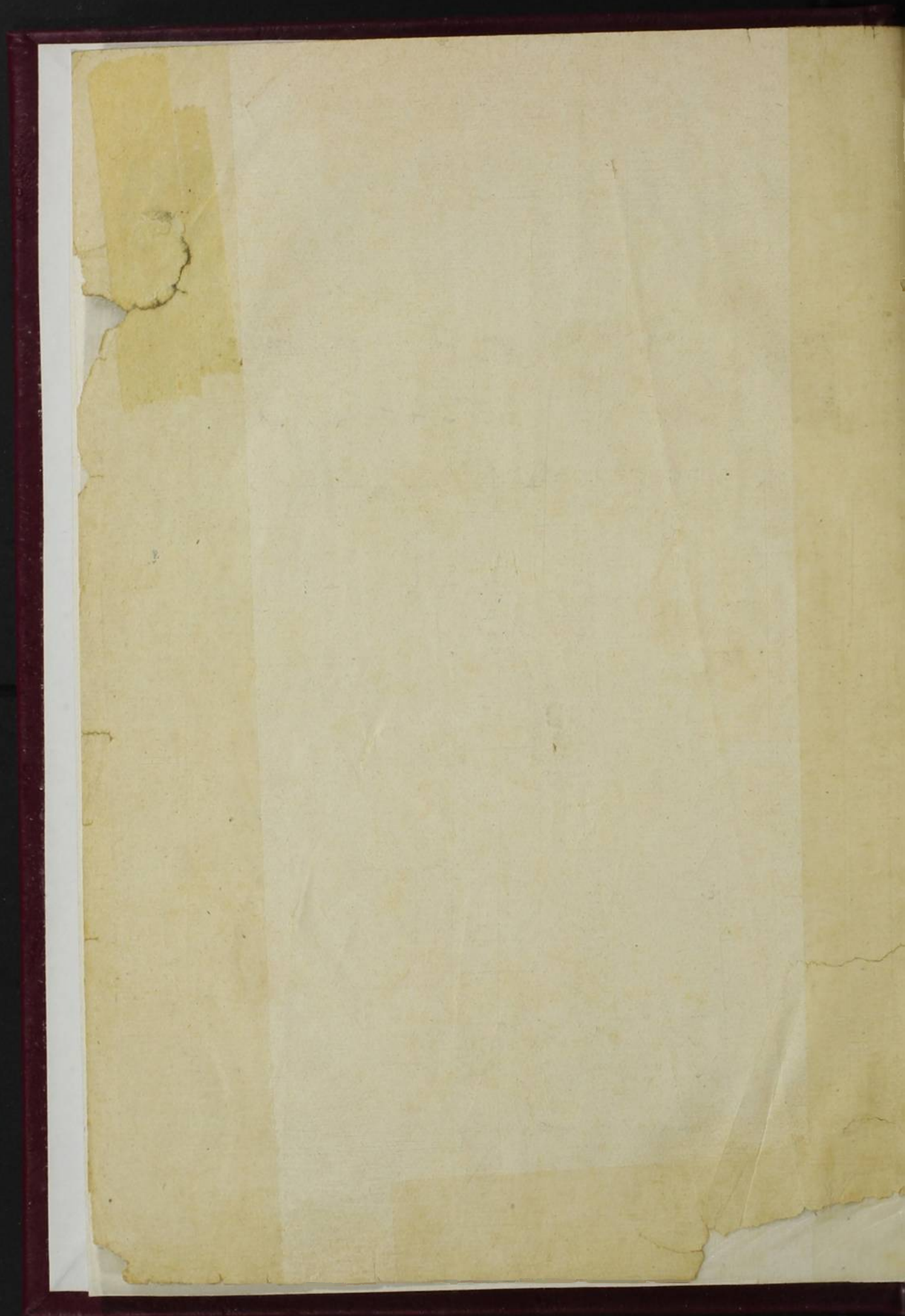
PREÇO 1\$000

CHICO DIABO na GUERRA

de PARAGUAY

Por Amador Santelmo





AMADOR SANTELMO

CHICO DIABO

na Guerra do Paraguay



— 1 9 2 9 —

LIVRARIA JOÃO DO RIO

Casa edit. de Saverio Fittipaldi & C.

— RUA LEDO, 72 —

Tel. N. 5984 — Rio de Janeiro

— Caixa Postal N. 1342 —

Renato e Helena

Historia amorosa acontecida no Rio entre uma joven casadinha e um mancebo adolescente.

Poema amoroso tecido com ardor pelo mais popular dos poetas modernos

AMADOR SANTELMO

Pelo enredo, pela ternura dos dois apaixonados, que escolheram Paquetá, a ilha da poesia, para tumulto de um amor impossivel, é um poema de virgem candura de duas almas que não queriam pecar na Terra.

Sendo ella casada, e elle uma creança ainda, resolveram dizer adeus á vida buscando na morte o que só a morte pode dar aos infelizes dum amor impossivel.

Leia esta novidade literaria que faz bem ao coração.

PREFACIO

Em 1864 a Republica do Paraguay tinha um ditador ambicioso e fanfarrão chamado Francisco Solano Lopez.

Solano Lopez, que podia ter sido uma figura util á sua patria, passando á Historia como Washington ou um Lincoln, creando um Paraguay grande, atacado duma mania quixotesca, quiz intervir como mediador num litigio entre o Brasil e a Republica do Uruguay.

Recusada sua intervenção pelo governo do Brasil, Solano Lopez, despoticamente, á maneira dum antigo conquistador, invadiu o Estado de Matto Grosso em Novembro de 1864, dando assim começo á guerra que se estendeu até á Argentina e Uruguay, por haver Lopez invadido tambem estas nações, as quaes, com o Brasil, formaram uma alliança para enxotarem de seus territorios o usurpador.

De parte a parte houve derrotas e victorias, cabendo ao Brasil a gloria de vencer o tyranno na batalha

decisiva de Campo Grande ferida pelo General Camara em 1869. Desbaratados os paraguayos, refugiaram-se no interior onde foram afinal aniquilados em Cerro Corá pelas ditas forças, sendo o despota morto pelo famoso heroi brasileiro chamado

CHICO DIABO

terminando assim uma guerra que durou seis annos e deixou o Paraguay exausto por longo tempo, chorando milhares de filhos sacrificados aos caprichos dum máo patriota aventureiro.

Solano Lopez fez durar assim a guerra por que fanatizou seus soldados com estas palavras magicas:

“O soldado que morrer nos campos do Paraguay resuscitará em Assumpção.” (*)

(*) Assumpção, capital do Paraguay, tomada em 5 de Janeiro de 1869.

CHICO DIABO NA GUERRA DO PARAGUAY

“Ninguém ouse arrancar duma bainha a espada
Ameaçando varar um peito brasileiro,
Que um filho do Brasil, vendo a Patria ameaçada,
E’ capaz de enfrentar sósinho o mundo inteiro.

Por isso o Paraguay foi reduzido a ciscos;
Cain-lhe do Brasil a furia dos cyclopes:
Foi Caxias, Osorio e Barroso — coriscos,
Que fizeram em pó esse tyranno — Lopez.”

Do poemeto: *Quem Será?* Ode historica de
Amador Santelmo.

CAPITULO I

A INVASÃO DE MATTO GROSSO

Musa, que temos de novo?
Hoje nada de ti sae,
Como o pinto sae do ovo,
Quando a galla nelle vae,
Então vem falar ao povo
Da Guerra do Paraguay.

Deixa no sacco a viola,
Isso já não embasbaca,
Sigamos a nova escola,
Aquella caixa destapa,
Liga o fio na vietrola,
Vamos ouvir uma chapa.

No anno 64,
Sendo Lopez presidente,
Matto Grosso foi theatro
Dum gravissimo incidente,
Pois esse general atro
Desrespeitou nossa gente.

Nesse tempo era o Brasil
Um imperio respeitado,
O imperador, varonil,
Era então muito estimado,
E, ver a patria servil,
Era ver-se aniquilado.

Ha muito que os uruguayos,
Desrespeitando estrangeiros,
Como se fossem cipaio,
Zombavam de brasileiros.
Nós então, sem mais desmaios,
Invadimos seus outeiros.

Foi quando Lopez Solano
Quiz ser um mediador;
Elle, que era deshumano,
A' força nos quiz impor
O despotismo tyranno
De general dictador.

Houve então grande alvoroço:
Os paraguayos insanos
Entraram em Matto Grosso
Onde nos causaram damnos,
E a guerra foi um caroco
Que se mastigou seis annos.

E o fanfarrão paraguay
Para ser na Historia grande,
Foi entrando como um raio
Tambem pelo Rio Grande,
E seu furor, sem desmaio,
Pela Argentina se expande.

Fez-se então uma alliança
Com a Argentina e Uruguay,
Por toda a parte se avança,
Mas o Brasil é que vae
Com mais força e mais pujança
Combatendo o Paraguay.

Nas primas escaramuças
Tivemos perdas sensiveis,
E como tinham dentuças,
Davam dentadas terriveis,
Mas, por fim, fomos ás fuças
Desses cães incorrigiveis.

No dia 11 de Junho,
No lugar Riachuelo, (*)
Mostramos o nosso punho
Num formidavel duello;
Barroso foi testemunho
Commettendo um feito bello.

Entre muitas agonias,
Houve um heroi de memoria
Que deixou as alegrias,

(*) Riachuelo, passo do Rio Paraguay, onde a esquadra brasileira, commandada por Barroso, desbaratou a esquadra paraguaya. Nesta batalh morreu o heroi Marcilio Dias.

Cantando muita victoria,
Foi esse Marcilio Dias
Que passou á nossa Historia.

Defendendo a patria cara,
Foi heroe de tal maneira,
Que ficou com fama rara
De bravura verdadeira,
E em Paisandú desfraldara
Nossa gloriosa bandeira. (*)

Retomou-se Uruguayana
Das mãos de nosso inimigo,
Lopez quasi que se damna
Quando se viu em perigo;
Tinha por nós tanta gana
Mas recebeu seu castigo.

Soffremos grave revez
No campo Curupaiti,
Mas, depois, com altivez,
Vencemos em Tuiuti,
E ainda mais uma vez,
Na batalha de Avahi. (*)

(*) Paisandú, cidade da Republica do Uruguay, tomada de assalto pelas forças brasileiras commandadas pelo general Menna Barreto, em 1865.

Marcilio Dias foi o bravo marinheiro que desfraldou a bandeira brasileira na torre duma egreja da cidade de Paysandú. Este heroe, simples marinheiro, adorna a estatua do almirante Barroso, na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro.

(*) A batalha de Avahi foi ferida em 6 de Dezembro de 1868, sendo nella ferido o general Osorio, que derrotou o exercito paraguay.

Nesta terrível batalha
Osorio ficou ferido,
Mas conquistou a medalha
De vencedor destemido,
E Caballéro escangalha, (*)
Que fugiu espavorido.

No dia 6 de Dezembro
Do anno 68,
Em Avahi, eu relembro,
Solano comeu biscoito,
Pois Caballero, seu membro,
Não se mostrou mais afoito.

O campo, como um vulcão,
Vibra á furia das campanhas;
Ao estrondar do canhão,
Freme o peito das montanhas,
Dos batalhões em roldão,
Tremem todas as entranhas.

Caballero, de repente,
Virou ebrio das tabernas,
Foge com a sua gente
A's tontas, pelas cavernas.
E's Caballero valiente
De rabo murcho entre as pernas!

Depois Lomas Valentinas,
Humaitá, Angostura,

(**) Caballero, general paraguayano que commandava as forças paraguayas contra o exercito brasileiro.

Na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro ha um bello quadro de grande tamanho representando essa batalha.

E' que foram as ruinas
Delles, e nossa bravura:
Fizemos carnificinas
Numa guerra que foi dura.

Os soldados, como raios,
Por toda a parte surgiam;
Os rostos tinham desmaios
E cada vez mais cresciam;
Parece que os paraguaios
Realmente resurgiam.

Mas as armas brasileiras
Vão de victoria em victoria;
Pelas terras estrangeiras
Marcham cobertas de gloria:
Fortalezas e trincheiras,
Teem vida transitoria.

Está travada a batalha,
Ribomba rouco o canhão;
Ao rebentar da metralha
Rolam corpos pelo chão;
Castigamos a canalha,
Marchando para Assumpção.

Foi a cinco de janeiro
Em 1.8.6 e 9,
Que o exercito brasileiro,
Coberto de gloria, move
Os seus pés pelo terreiro
De Assumpção, que se commove.

Eil-a, brilhando altaneira,
Luzindo que nem dragão
Que foi á terra estrangeira
Devorar um batalhão,
A brasilica bandeira
Na cidade de Assumpção!

E o Lopez, o quixotesco?
Onde está esse patusco?
Esse guerreiro burlesco,
Crustaceo que foi mollusco,
Antes, elle, poz-se ao fresco,
Que bala cheira a chamusco!

De sorte que já não vae
Ser o antigo fanfarrão;
E, como seu poder cae,
Já não espalha o pregão:
“Quem morrer no Paraguai,
Resuscita em Assumpção.”

Lopez, faz nascer só um,
Já não peço dois ou tres;
Não é milagre nenhum,
O mesmo Christo já fez;
Se resuscitar algum,
Tem que morrer outra vez!

Tendo perdido Assumpção,
Lopez seguiu novas trilhas;
Internou-se no sertão,
E conseguiu maravilhas,
Estabeleceu-se então,
Uma guerra de guerrilhas.

Mas as forças brasileiras
Pelo Camara mandadas,
Penetraram nas fileiras
Das forças desbaratadas;
E as guerrilhas traçoeiras
Foram também destroçadas.

Sempre enxotado do matto,
Lopez cumpria o fadario;
Mal soffria um desbarato,
Crescia mais sanguinario;
Tinha folego de gato
O dictador legendario.

Finalmente, em Campo Grande,
Feriou-se batalha viva;
Não falta quem a commande,
Mas o conde d'Eu se activa,
E nossa força se expande
Em victoria decisiva. (*)

Já na fuga, espavoridos,
Cessam por fim os galopes;
Os brasileiros temidos
Lutaram como cyclopes;
Os paraguaioes vencidos
Maldizem Solano Lopez.

Como uma féra acuada
Que não póde fugir já,

(*) Na vasta planicie de Campo Grande, no Paraguay, feriu-se a batalha do mesmo nome, sendo as tropas brasileiras levadas á victoria pelo Conde d'Eu, seu commandante. 16 de Agosto de 1869.

Lopez fez a retirada,
Porém em hora tão má,
E a panthera foi cercada
No lugar Cerro-Corá.

Num de Março de 70
E' que se esfolou o rabo;
A batalha foi cruenta,
E nella *Chico Diabo*,
Numa lançada violenta,
E' que do Lopez deu cabo.

Tambem houve uma heroína,
Foi Anna Nery, enfermeira,
Que teve a missão divina
De andar por terra estrangeira
A cumprir a sua sina
A santa mãe brasileira. (*)

Ne mais aceso da luta,
Jesus, o negro, corneta,
Perde um braço na labuta,
Mas continua a trombeta,
Toca, toca, inda se escuta
O cornetim do maneta. (*)

(*) Jesus, o negro heroico, era o corneta-mór do general Osorio, que na batalha de Tuyuty, tendo perdido um braço e com o outro ferido, continuou tocando, tocando até á victoria final.

(**) D. Anna Nery, mãe de tres medicos que se offereceram para tratar dos feridos, indo ella com seus filhos como enfermeira. Esteve em Corrientes, e entrou em Assumpção, conquistando até a estima dos paraguayos, e voltou á Bahia, sua terra, coberta de gloria.

De repente, uma granada,
Feriu-lhe o segundo braço,
Diz o negro: “Não é nada!
Com isso não me embaraço”,
E toca, toca, avançada
Sob a chuva de balaço.

Toca, toca, avança, avança,
Entre o fumo o fogo luz;
Cresce lança contra lança,
Rebenta granada, obuz;
E o corneta não se cança,
Salve heroe negro — Jesus!

CAPITULO II

CHICO DIABO

Sabe o leitor, por ventura,
Quem foi o *Chico Diabo*?
Aquella grande figura
Que de Solano deu cabo,
Mostrando sua bravura,
Cortando ao demonio o rabo?

Foi um heroe brasileiro
Que em Cerro-Corá matou
Solano Lopez, guerreiro
Que Satanaz inventou,
Que, com um tiro certo,
O perverso aniquilou.

Este caboclo afamado
Vive sempre na memoria,
Pois foi um simples soldado
Mas teve tanta victoria
Que hade ser sempre lembrado
Nos livros de nossa Historia.

Chico, desde pequenino,
Se mostrou endiabrado,
Era traquinas, ladino,
Esperto, vivo, atilado.
Parece que seu destino
Já lhe havia escripto o fado.

Tendo dez annos de idade,
Já era grande brigão.
Provocava com maldade,
O garoto valentão,
Capoeira de verdade,
Jogava todos no chão.

O seu primeiro exercicio
Fôra *jogar capoeira*,
Não conhecia outro officio,
E sua perna ligeira
Era dos outros supplicio
Quando passava a *rasteira*.

Ligeiro que nem cabrito,
Terrivel na cabeçada,
Quando formava conflicto
Mandava tanta *cocada*,
Fugiam todos num grito,
Com a cabeça quebrada.

E elle ficava vaidoso
Só no *campo da batalha*,
Rindo, rindo victorioso
De ter vencido a canalha,
E punha ao peito garboso,
Qualquer cousa por medalha.

Este caboclo valente
Não tinha sangue estrangeiro,
Era bugre descendente
De caboclo verdadeiro,
E dizia a toda a gente:
— Eu é que sou brasileiro!

Era domador de cobras,
Comia surucucús,
Ainda tinha outras obras,
Até domava urutús,
E conhecia manobras
De dar pasto aos urubús...

Chico foi crescendo assim,
Com fama de valentão,
Porém não era ruim,
Tinha até bom coração;
E quando ouvia um clarim,
Ia atraz do batalhão...

Quando um valente de gabo
Via *Chico*, sem demora,
Dizia, abaixando o rabo:
— Nós hoje estamos caipora,
Lá vem o *Chico Diabo*,
Temos que *dar já o fóra!*

Diziam que seus avós,
Nascidos em Matto Grosso,
Era uma tribu feroz
Que engulia corpo grosso,
E comiam bororós
Sem deixar sequer um osso.

Eis quem era este valente,
Chico Diabo chamado,
Que mettia medo á gente,
Deixando nome afamado,
Mas, por ser um indigente,
Não teve nome illustrado.

De que lhe valera a gloria?
Que medalhas conquistou?
Quem o celebrou na Historia
Pelos feitos que operou?
Que bem teve por memoria
Quando a guerra terminou?

Razão, porque não destróes
A fama dos presumidos?
Os grandes, como pharoes,
E' que ficam conhecidos;
Os verdadeiros heroes
São sempre desconhecidos.

Chegamos emfim ao dia
De ver terminada a guerra;
O sol, cheio de alegria,
Bafejou a nossa terra,
Quanta dôr, quanta alegria
Nosso coração encerra!

Num de Março de 70,
No lugar Cerro-Corá,
Fındou a guerra sangrenta
E Solano dalma má,
A batalha foi violenta
Como memoria não ha.

Commandava os brasileiros
O Camara general,
Dos paraguaĩos guerreiros
Era o Lopez o geral;
Dois batalhões de lanceiros
Armaram luta fatal.

Um lanceiro, nosso cabo,
Falou assim ao tyranno:
— General, abaixa o rabo!
Rende-te, ou morres, insanno!
Eu sou o *Chico Diabo*,
E avançou para Solano.

“Yó entregar-me? Por Dios
Macaquito brasileño;
Por honor de mis avós,
Por alma del Nazareno,
Yó, paraguaio feroz,
No entrego mi terreno.”

“Puedes ser *Chico Diabo*,
Puedes ser *Diabo Chico*,
Con yó tienes que ter cabo,
Yó, si, és que vivo e fico;
Yó te voy cortar el rabo,
Porque brasileño és mico.”

“Muerre pués, *Diabo* immundo,
Fuje para tú covil;
Escribe nel ôrco fundo (*)
Este epitafio viril:
Houve um hombre só nel mundo
Yó, que venceu el Brasil.”

Assim falava o bandido
Para *Chico*, seu chará;
Embora, estando ferido,
Não abrandava a alma má.
E lutava destemido
No lugar Cerro-Corá.

Houve um momento de horror,
Cruzou-se lança com lança:
Chico, cresceu com furor,
Visando-lhe o peito e a pança,
E num impeto, sem dor,
Fóra do cavallo o lança.

E o alma de Belzebú,
Caindo, caiu em pé,
Tinha crosta de tatú
Ou casco de jacaré,
E ventre de baiacú,
Que renasce com a maré.

O paraguaio guerreiro
Puchou da sua garrucha,
E avançou para o lanceiro;
Que também da sua pucha,

(*) *Orco*, termo poetico que designa o inferno.

E assim, *Chico*, mais certo,
Foi que lhe mandou a bucha!

Estrebuchando no chão,
Maldizia o nosso cabo;
Quiz erguer-se, mas em vão!
Dizendo o *Chico Diabo*:
“Cortei a este *dragão*
As sete linguas e o rabo!”

Cessou por fim a matança,
Gloria duns, doutros labéu;
Quanto canhão, quanta lança
Recolheram por trophéu;
Quanta mãe, quanta creança
Ergueram mãos para o céu!

CAPITULO III

O HYMNO E A BANDEIRA

Subito, um som harmonioso
Fez-se ouvir alvicareiro;
Corre um fremito nervoso
Por todo campo guerreiro,
Nosso hymno sonoro
Enche o peito brasileiro!

Nosso auri-verde pendão,
Todo coberto de gloria,
Desfraldado n'amplidão,
Lampeja ao sol da victoria;
Chico Diabo — o *dragão* —
Vae passar á nossa Historia.

Passam agora os soldados
Que venceram as batalhas;
Feridos e mutilados
Com cicatriz de metralhas
Seus peitos condecorados
Luzem cheios de medalhas.

Que Estados mais combateram?
Os que foram mais guerreiros?
Quantos soldados perderam
Os gauchos cavalleiros?
Todos! Todos que venceram,
Eram todos brasileiros!

A guerra acaba algum dia
Obedecendo á Razão?
Porque ha de haver covardia
De Nação contra Nação?
Só pode haver harmonia
Quando acabar a ambição!

OUTRA DESCRIÇÃO DA GUERRA DO PARAGUAY

Francisco Lopez Solano,
Do Paraguai presidente,
E' que foi o deshumano
Que fez morrer tanta gente.

Para pôr termo aos vexames
Que soffriam brasileiros
Dos uruguaioes infames
Que zombavam de estrangeiros,

Nosso exercito então vae
Defender nosso direito,
Para impôr nosso respeito
Invadiu o Uruguay.

Mas o dictador Solano
Mexeu-se num alvoroço
E, qual despota, o tyranno,
Invadiu o Matto Grosso.

(*) Do livro: "*D. Pedro Segundo*", por Amador Santelmo.

Então um brado de alarmas
Fez tocar tudo a rebate;
D. Pedro bradou ás armas,
Chamando tudo ao combate.

Logo, toda a nossa terra,
Um eco cheio de espanto,
Correu-a de canto a canto,
Chamando os filhos á guerra.

Então cada cidadão
Sentiu com grande furor,
No seu peito, o coração
Rufar mais do que um tambor.

E o grande Pedro Segundo
Mostrou que era brasileiro;
E fez um Brasil guerreiro
Capaz de vencer o mundo.

Mandou fazer couraçados,
Fez um Brasil belicoso
Com canhões e com soldados,
Para sair victorioso.

E sempre, de gloria em gloria,
Nossas armas como raios,
Levaram os paraguaios
Até á final victoria.

Quem brilhou mais nas batalhas,
Entre todos, mais notorio,
E ganhou muitas medalhas,
Foi o general Osorio.

Outro nome glorioso,
Cercado de fulgor bello,
Foi o almirante Barroso,
— O heroe do Riachuelo. (*)

Esse mesmo que dissera,
Para vencer ou morrer:
— “A patria, de vós espera
Que cumprais vosso dever.”

Durou seis annos a guerra
Em combates carnicieiros,
Até que caiu por terra,
Vencendo nós brasileiros.

O grande *Chico Diabo*,
No lugar Cerro-Corá,
E' que conseguiu dar cabo
Do general d'alma má.

Morrendo essa alma damnada
Que ensopou com sangue a terra,
Assignou-se a Paz sagrada,
Terminando assim a guerra.

(*) A batalha naval de Riachuelo deu-se em 11 de Junho de 1865, sendo a esquadra paraguaya destroçada pela esquadra brasileira, commandada pelo almirnte Barroso, barão do Amazonas.

CHICO DIABO!

(MODINHA)

Musica do Dr. Benedicto Sylvestre — Letra de Amador Santelmo

Estrilho

Chico Diabo! Chico Diabo!

Foi que deu cabo
Do Lopez raio,
O paraguaio
Que tinha rabo!

Primeira Parte

Este caboclo afamado
Vive sempre na memoria,
Pois foi um simples soldado,
Mas teve tanta victoria
Que ha de ser sempre lembrado
Nos livros de nossa Historia.

Chico Diabo! Chico Diabo! etc.

Volta á primeira parte)

Solano Lopez, guerreiro,
Puchou da sua garrucha,
E avançou para o lanceiro
Que tambem da sua pucha,
E, assim, *Chico*, mais certo,
Foi que lhe mandou a bucha!

Chico Diabo! Chico Diabo! etc.

Todas as sextilhas podem ser cantadas com esta musica, repetindo sempre o mesmo estrilho.

CHICO DIABO!

MODINHA

Por Benedicto Sylvestre

Piano

Cant.

Alz.

o.c.f.

A G U E R R A !

A guerra! palavra sangrenta que a garganta estrangula num soluço guttural e terrível!

A guerra! fantasma immenso e sinistro que apavora os homens e as cousas, pondo-as em fugida!

Quando elle passa, ora vagaroso, ora apressado, as almas e as coisas confrangem-se estarrecidas: as montanhas tremem, as florestas agitam-se, os rios despenham-se, as aves desmaiam, as feras gritam, o mar pragueja, os ares turbam-se, e o sol descora!

Quando se avizinha do homem, cheirando a pólvora, fedendo a sangue, o cerebro estremece, o craneo vibra, o coração encolhe-se, as veias torcem-se, as fibras vibram, as carnes arrepiam-se, os cabellos erguem-se e as almas gelam apavoradas!

Nutre-se de carne humana.

Quando tem fome, almoça aldeias, janta cidades, ceia imperios, devora mundos!

Quando tem sede, bebe dum trago cem mil soldados de sangue!

E' carnívoro e vampiro!

E esse fantasma immenso e sinistro, pavoroso e carnívoro, que come soldados e bebe sangue, é fi-

lho do homem, educado pelo homem, sustentado pelo homem!

— Pelo homem?

— Pelo homem, não!

Pelo miseravel, pelo despota, pelo tyranno?

— Tambem não!

Pelo patriotismo!

Ser patriota é ser assassino!

O homem deve ser humano.

O Mundo é a sua patria, o seu Deus, a Humanidade.

O patriota é pela patria contra o homem, pela familia contra o patricio, pelo egoismo contra a familia!

Ora, isto não se chama homem — chama-se miseravel!

Portanto:

Guerra ao patriota, guerra ás dragonas, guerra ao soldado, guerra á guerra!

Mas agora reparo:

Isto é uma guerra!

— O defeito então é do homem?

— Não! é de Deus, que criou o mundo!

DESCRIPÇÃO DUMA DAS BATALHAS
DO PARAGUAY

Deram signal as trombetas,
Rufam doidos os tambores,
Retinam as baionetas
Dos soldados lutadores;
Trôa a rouca artilheria,
Tremem de horror os soldados,
Espedacam-se os terçados,
Augmenta a fusilaria.

Encruesse-se a batalha,
Cresce o estrepito da guerra,
Ao rebentar da metralha
Estoira o peito da serra;
Como um doido furacão
Acode a cavallaria
E ataca de sopetão
Os flancos da infantaria.

As granadas fulminantes
Abrem medonhas clareiras,
Os cavallos coriscantes
Desabam como barreiras;

Pelos ares voam braços,
Pernas, craneos de soldados,
Os membros despedaçados
Estoiram como estilhaços.

Horas depois, o inimigo
Retira-se em debandada;
Osorio, inda, por castigo,
Persegue-o na retirada;
Vencemos de tal maneira
Que o Lopez noutra não cae,
Quando vir nossa bandeira
Nos campos do Paraguay.

O Coração da Pastorinha

Conto moral, em verso, para creanças, extraído do conto do mesmo nome pelo mesmo autor Amador Santelmo.

Recommendamos aos paes que teem filhos este mimo literario, cujo original foi o primeiro premio dum concurso literario, sendo presidente da comissão julgadora o illustre escriptor João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras.

O CORAÇÃO DA PASTORINHA, posto em verso por Amador Santelmo, é o melhor presente que se pode fazer a uma creança.

Preço: 1\$000

COLLECÇÃO AMADOR SANTELMO

O Chá das Tres Estrellas

Poema comico, tragico e dramatico.

O Mineiro Que Comprou Um Bonde

poema para fazer rir o mais macambuzio dos leitores;

Quem Será? (o presidente),

Diga o leitor, entre parentheses, poema historico, civico, politico e patriotico;

O Lobishomem,

poema de pavor, dum psychosthenico, chupador de sangue humano;

O Cavallo de Tom Mix,

poema de aventuras do Far-West;

O Coração da Pastorinha,

verdadeiro mimo literario para creanças, premiado pelo Dr. João Ribeiro, da Academia Brasileira.

O Propheta da Gavea,

poema das curas e milagres desse novo Jesus, que teve a Cruz do Hospicio.

Chico Diabo na Guerra do Paraguay,

o heroe brasileiro que matou Solano Lopez;

Renato e Helena,

poema amoroso, acontecido no Rio.

CUSTO DE CADA: 1\$000

ALBUM DO "NÚ ARTISTICO"

Um livro que encanta pela sua graça!

E seduz pela Belleza!

A BELLEZA HUMANA — A belleza é a emoção mais pura e mais nobre da vida; ella suggere na alma sentimentos ineffaveis de alegria. Por isso, organizamos esse "*Album do Nú Artístico*", observando o gosto mais apurado e a esthetica mais classica. Os nós que se encontram neste livro, é o que ha de mais perfeito em belleza, de mais delicioso em esthetica humana, de mais suggestivo em obras desse genero.

OS NU'S QUE CONTEM O ALBUM — São mais de 48 illustrações, vindas especialmente de Paris, Vienna, Berlim, Londres, Madrid, Bruxellas, obedecendo a um sentimento de variedade em graça, encanto, formosura e belleza feminina. Ahi, ha nós de todas as nacionalidades. Vê-se a seducção subtil da mulher franceza, o maravilhoso das italianas, o suggestivo alegre da Austriaca, o encanto sobrio da ingleza, a graça saltitante da hespanhola, — emfim um conjuncto de varias bellezas formando o mais luxuoso "*Album do Nú Artístico*".

A FINALIDADE MORAL DO ALBUM — O dever do homem não consiste apenas em saber ler. Saber admirar as cousas bellas, é ainda um dever indeclinavel! E tudo quanto instrue é bello! Conhecendo a esthetica feminina, nas suas mais variadas formas e nos mais adoraveis estylos, a sensibilidade desenvolve-se, o sentimento aprimora-se, a intelligencia amplia-se. A finalidade moral do "*Album do Nú Artístico*" é esta — ensinar a Belleza ao povo!

O PREÇO DO ALBUM — O album traz além das 48 illustrações no texto, um lindo quadro de *Henrique Regnault*, o prestigioso pintor, intitulado: "*As Tres Graças*". E o preço desse maravilhoso "*Album do Nú Artístico*" custa apenas 5\$000.

FAÇA LOGO OS PEDIDOS — Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia, com o nome de quem pede legivelmente escripto, nome da rua, numero do estabelecimento commercial, ou residencia, nome da localidade, do municipio, do Estado.

Fazei immediatamente os pedidos do "*Album do Nú Artístico*".

LIVRARIA JOÃO DO RIO

Caixa Postal, n. 1342 — RUA LEDO, N. 72 — Rio de Janeiro

056736



Album do “Nú Artístico”

Um livro que encanta pela sua graça !

E seduz pela Belleza !

A belleza é a emoção mais pura e mais nobre da vida; ella suggera na alma sentimentos ineffaveis de alegria. Por isso, organizamos esse « *Album do Nú Artístico* », observando o gosto mais apurado e a esthetica mais classica. Os nus que se encontram nesse livro, é o que ha de mais perfeito em belleza, de mais delicioso em esthetica humana, de mais suggestivo em obras desse genero. São mais de 48 illustrações, vindas especialmente de Paris, Vienna, Berlim, Londres, Madrid, Bruxellas, obedecendo a um sentimento de variedade em graça, encanto, formosura e belleza feminina. Ah, ha nus de todas as nacionalidades. Ve-se a seducção subtil da mulher franceza, o maravilhoso das italianas, o suggestivo alegre da Austriaca, o encanto sobrio da ingleza, a graça saltitante da hespanhola, — emfim um conjunto de varias bellezas formando o mais luxuoso « *Album do Nú Artístico* ». O dever do homem não consiste apenas em saber ler. Saber admirar as cousas bellas, é ainda um dever indeclinavel. E tudo quanto instrue é bello! Conhecendo a esthetica feminina, nas suas mais variadas formas e nos mais adoraveis estylos, a sensibilidade desenvolve-se, o sentimento aprimora-se, a intelligencia amplia-se. A finalidade moral do « *Album do Nú Artístico* » é esta: — ensinar a Belleza ao povo! O album traz além das 48 illustrações no texto, um lindo quadro de *Henrique Regnault*, o prestigioso pintor, intitulado: « *As tres Graças* ». E o preço desse maravilhoso « *Album do Nú Artístico* » custa apenas 5\$, para revendedores 3\$, livre de porte. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia, com o nome de quem pede legivelmente ascripto, nome da rua, numero do estabelecimento commercial, ou residencia, nome da localidade, do municipio, do Estado. Todos os pedidos para serem enviados á preço liquido para revendedor, devem ser no minimo de 25\$000.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia, em carta registrada e com valor declarado vale postal, cheque Bancario ou ordem de pagamento e dirigidos á

Livraria João do Rio -- Rua Ledo, N. 72 -- Rio de Janeiro

